

Entrevista: José Pereira dos Santos

Hibridismos de experimentações culturais no Vale do Jequitinhonha

Responsável pela articulação de projetos populares no Nordeste Mineiro do Brasil, Zé Pereira conta uma outra história das misturas artísticas regionais

por *Ádria Chaves Tavares*



O Vale do Jequitinhonha, localizado no Nordeste do estado de Minas Gerais, tem 51 municípios divididos em cinco microrregiões (Almenara, Capelinha, Diamantina, Pedra Azul e Araçuaí). O 'Vale' se destaca no cenário nacional por duas características: elevados índices de pobreza, que colocam a região entre as mais carentes do País e, em contrapartida, um rico patrimônio cultural, traduzido em formas de

expressão popular, como o artesanato em madeira, couro, cerâmica, cestarias e bordados, além das músicas e festas típicas.

A fragilidade econômica da Região é objeto de história contada pelos nativos. Na década de 1970, um representante político (então Governador de MG, nomeado pelo regime militar) visita o Jequitinhonha e apelida o lugar de 'Vale da Miséria'. Jornalistas que cobriam o evento publicam a nova designação e a marca da pobreza emerge entre as demais qualidades da Região, que passa a carregar o estigma de miserável.

Ao mesmo tempo, as expressões culturais desenvolvidas por moradores do 'Vale' têm sido destacadas e exaltadas pelo poder público, devido à importância sócio/histórica que possuem, bem como pela própria população local, que hoje explora o potencial econômico de suas tradições.

Dentre os cidadãos que colaboraram para construir uma nova imagem, ainda estigmatizada, e revitalizar a economia do Vale, destaca-se José Pereira dos Santos, produtor cultural, ator e conhecido popularmente como o 'governador' da cultura do Vale do Jequitinhonha, devido ao trabalho de divulgador de assuntos culturais da Região. Morador de Araçuaí, 'Zé Pereira' foi secretário de Cultura e impulsionou diversos projetos ao desenvolvimento regional e, em sua carreira cênica, conquistou reconhecimento público, dirigindo peças teatrais e grupos vocais que exaltam as identidades culturais do Vale.

Com um trabalho reconhecido, 'Zé Pereira' já participou de inúmeros debates, painéis e palestras – 'Brasil afora' – mostrando um pouco da pluralidade, contradições de desafios culturais que marcam o Vale do Jequitinhonha. E é justamente neste desafio que colaboradores da Revista Folkcom conheceram 'Zé Pereira', impulsionando projetos de cultura popular que, ao mesmo tempo, operam como estratégias de comunicação. A ousadia

dialoga, pela prática de tais ações cotidianas, com a perspectiva folkcomunicação forjada pelo pernambucano Luiz Beltrão. A entrevista que segue, com Zé Pereira, apresenta um pouco da riqueza do Vale do Nordeste das 'Geraes', resultantes de um papo polêmico, ousado e crítico.

Revista Folkcom (RF): O Vale do Jequitinhonha é conhecido por uma estratégia de desenvolvimento econômico a partir da valorização dos traços culturais de seu povo. Como se chegou à percepção de que o setor cultural poderia para com o desenvolvimento social da Região?

José Pereira dos Santos (JPS): Antes, na região, as cidades tinham sua economia voltada para a agropecuária, por uma questão climática, consequente da degradação ocasionada pelas antigas mineradoras, e os municípios valorizavam o comércio varejista. Mas um estudo realizado pela Secretaria de Cultura (de Araçuaí/MG), em conjunto com estudiosos desvinculados do órgão municipal, indicou que a vocação econômica de Araçuaí não eram as lojas nem o varejo. Passou, assim, a investir no turismo da região. Hoje, por esta razão, tem cursos da Unopar (Universidade do Norte Paranaense) para turismólogos, existem empresários da área que moram em Araçuaí e, por uma questão de estratégia, já estão criando alguns programas para aproveitar mais a cultura. Tem um grupo de estudo dos potenciais do Vale do Jequitinhonha que está instalado na cidade. Eles revelaram, através de uma pesquisa feita em todas as cidades do Vale, o potencial da região para o turismo cultural. Então, ainda faltam outras ações, mas o caminho já foi encontrado. E, atualmente existe uma ou outra cidade que é exceção e tem lugares com grandes criações de gado, e coronel, onde as coisas não mudaram muito. Almenara, por exemplo, é uma cidade em que tem muitos coronéis, tem muita gente que vende gado e possui fazenda de pasto, mas a maior parte da região tem a economia baseada na cultura popular.

RF: Mas esta exploração das expressões culturais da região é impulsionada apenas pelos administradores públicos e empresários ou tem participação da sociedade civil?

JPS: O que a gente viu é que não só a cidade, mas os grupos culturais compraram essa ideia, tanto que hoje, se eu sair de Belo Horizonte desejando fazer uma rota turística e não souber como fazer, existe um grupo de turismólogos que trabalham com pessoas do comércio e da cultura da região. É um grupo heterogêneo que me dará essa resposta. Por este motivo, hoje, as pessoas chegam lá e já têm um roteiro definido: visitar o coral de trovadores, do Vale no sábado à noite, e dentro do coral trovadores visitar a fabriqueta dos meninos de Araçuaí, onde as pessoas trabalham com esculturas em sucata de ferro. Outra visita indispensável no roteiro é o Centro cultural 'Luz da Lua', para conhecer os vídeos e os documentários mais antigos do Vale, além de fazer uma sessão comentada sobre a cultura do Jequitinhonha. Enfim, tem uma gama de atividades que as pessoas que vão ao Vale podem fazer. É um turismo cultural e a gente tem observado que isso é diferente, porque os empresários e os grupos culturais estão integrados nesse projeto.

RF: Existe um espaço onde poder público, empresários e artistas da região discutem as diretrizes para o fortalecimento deste cenário de organização social em função da cultura?

JPS: A partir da década de 1980, desde 1984, Araçuaí recebe o maior festival de cultura, organizado por nós, chamado *FestVale*. É o festival da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, que mobiliza a cidade inteira e acontece com ou sem o apoio financeiro do poder público. O Festival é realizado sempre na primeira quinzena do mês de julho. A gente leva grupos folclóricos, os melhores artesãos do Vale vão fazer exposição e venda dos produtos, a gente leva música, teatro, dança e é uma festa da cultura que hoje vem gente da

Europa e da América para conhecer a festa. Agora, o *FestVale* deixou de ser apenas uma festa e passou a momento de a gente inquirir as pessoas e o governo sobre o sentido reflexivo da cultura. Hoje o evento é muito respeitado pelo Governo do Estado (MG), pela Secretaria de Estado da Cultura, e pelo Ministério da Cultura que se 'rendeu' ao *Festvale* e tem mandado representantes para conhecer o evento, que tem apoio da lei Rouanet.

RF: Além do FestVale, a região do Jequitinhonha tem outras festas populares?

JPS: No Vale, as festas tradicionais são muito interessantes, porque acontecem em dezenas de cidades. Existe a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que continua com o mesmo brilho de sempre e não perde o encanto. Um dia antes, à noite, os festejantes fazem a maior fogueira e põem caixas para serem afiadas no fogo, dentro do cemitério deles, chama-se 'caixas de folia'. As caixas se afiam e eles começam o ritual no dia seguinte pela manhã. Você chora ao ver que os negros criaram a festa porque queriam fazer um louvor a Nossa Senhora e, como não eram aceitos na igreja dos brancos, fizeram a festa e o louvor, dentro da igreja deles, com uma coreografia diferente. É o momento onde eles se doam e se transformam. Além dessa festa, Diamantina tem a festa do Divino, uma festa que Portugal queria fazer no Brasil. Além disso, Folias de Reis também acontecem em várias cidades do Vale.

RF: O Carnaval, festa tradicionalmente brasileira, ocorre com algumas peculiaridades em diferentes regiões do País. Como é o Carnaval do Vale?

O carnaval já teve uma cultura forte, mas passou. Infelizmente, hoje, existe uma coisa que acaba, de certa forma, com a tradição das coisas boas que aconteciam, principalmente do Carnaval. Eu diria que o carnaval melhor era o carnaval de marchinha, o carnaval de rua, que o Vale tinha, era interessante, e hoje acabou engolido pelas festas do axé, nada contra o Axé, mas eu faria um carnaval de marchinha...

RF: O Vale do Jequitinhonha possui um artesanato característico?

JPS: Existem várias peças artesanais produzidas no Vale, mas as bonecas se destacam. Tem duas regiões do artesanato de cerâmica onde elas são comercializadas e exportadas para o mercado nacional e internacional. Uma dessas regiões está situada entre três municípios de Minas Novas, Capelinha e Turmalina, no alto de uma grande chapada, local que a FUNARTE, em parceria com o governo de Minas (MG), escolheu para construir três galpões onde uma comunidade, composta apenas por mulheres, produz bonecas que são vendidas entre 400,00 e 1.000,00 reais. Nesse lugar existe uma pousada com estrutura para receber bem o turista. Em Santana do Araçuaí, a mais famosa bonequeira da região, Dona Isabel Mendes da Cunha, fabrica suas peças em casa. Os valores variam e a peça mais cara, a boneca amamentando um neném, custa 12.000,00 reais.

RF: O Vale do Jequitinhonha também possui corais de música popular. Como estes grupos colaboram para a valorização de seus traços populares?

JPS: O primeiro coral do Vale foi fundado por um holandês, um padre franciscano chamado Frei Chico, que vivia em um palácio episcopal que tinha as paredes muito finas. A cozinheira cantava preparando o almoço dele, aí o padre vai até a cozinheira da igreja e pede para ela cantar, com um gravador de rolo, enorme, e todo dia botava a mulher para cantar. Ela dizia que na roça tinha comadres que sabiam outro tanto de músicas. Ele ia visitar as cantoras e levava uma colaboradora, que se chamava Maria Vira Marques, uma grande artista plástica. Então ele foi registrando as músicas, e um dia ele faz uma reunião no 'Chique chique', que é o local onde eles se reuniam, e funda o coral, em 1974. O pessoal pensava que iria cantar música de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, o 'tremendão', e ele dizia "vamos cantar música nossa, do Vale do Jequitinhonha". Foi difícil convencer de que a música do folclore era

importante. Mas isso aconteceu e, em 1984, 11 anos depois, o coral grava pela primeira vez suas músicas. O coral de 'Trovadores do Vale' é a fonte para outros grupos musicais: 'Araras Grandes', 'Nossa Senhora do Rosário', as 'Lavadeiras de Almenara', que todos bebem da mesma fonte dos 'Trovadores do Vale'. Existe hoje um consenso entre todos os corais e folias de reis que precisam manter viva e acesa essa importante chama da cultura popular. Os novos corais também contribuem para a cultura popular, fazendo pesquisas e registros. A universidade Gama Filho (RJ), por exemplo, tem um projeto com um maestro que foi ao Vale criar partitura para todas as músicas da região. O próprio Frei Chico, que hoje mora próximo à Belo Horizonte, que é um dos responsáveis por toda esta contribuição histórica, tem claro que é importante criar as partituras.